

EXPECTATIVAS DO MERCADO

Segundo o Departamento de Comércio dos Estados Unidos, em sua primeira estimativa, o Produto Interno Bruto (PIB) daquele país cresceu a uma taxa anualizada de 3% no terceiro trimestre de 2017, apesar dos furacões. É a primeira vez, em três anos, que o PIB americano cresce acima de 3% por dois trimestres consecutivos (no segundo trimestre, o PIB tinha crescido 3,1%). Destacaram-se os investimentos em estoques e o saldo comercial, compensando a redução nos gastos dos consumidores.

O PIB da Zona do Euro, por sua vez, registrou alta de 0,6%, entre julho e setembro de 2017, em relação ao trimestre anterior. No comparativo com o mesmo trimestre de 2016, a elevação foi de 2,5%, a maior desde o primeiro trimestre de 2011.

Já a economia da China cresceu 6,8% no terceiro trimestre de 2017 em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa alta foi impulsionada pela produção industrial, que superou as expectativas, e pelos gastos fiscais e investimentos públicos, que sustentaram a demanda doméstica.

No Brasil, o PIB registrou alta de 0,1% no terceiro trimestre deste ano, em relação ao trimestre anterior. Foi a terceira alta consecutiva. O PIB da indústria cresceu 0,8%, impulsionada pela Indústria de transformação (+1,4%), o do Serviços

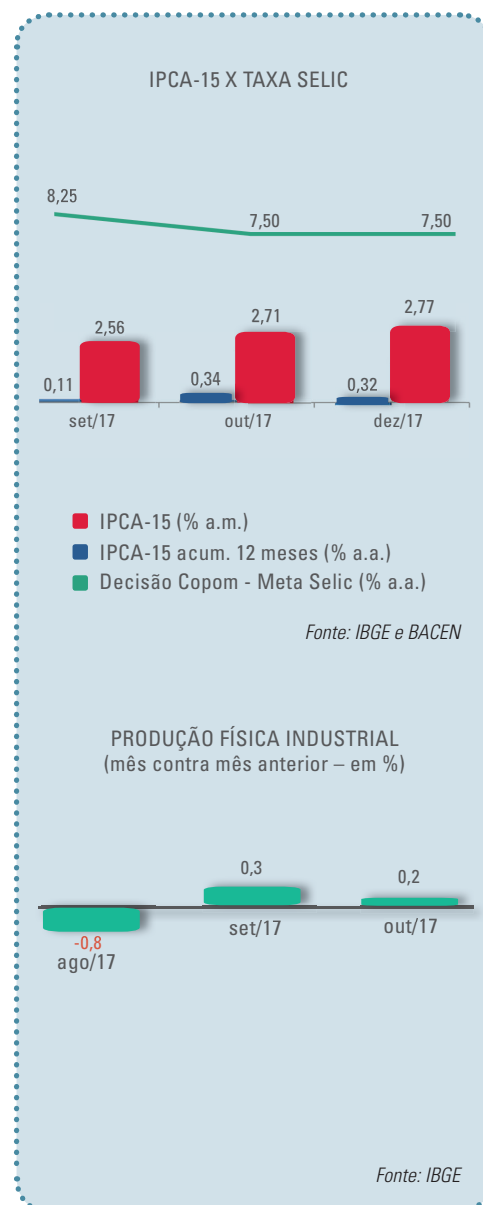
aumentou 0,6% e, na contramão, a Agropecuária recuou 3%. Do lado da demanda agregada, houve aumento de 1,2% no consumo das famílias, de 1,6% na Formação Bruta de Capital Fixo (proxy de Investimentos), enquanto as despesas do Governo caíram 0,2%.

A produção industrial brasileira registrou aumento de 0,2% em outubro, ante o mês anterior, com ajuste sazonal. Em relação a igual mês do ano passado (sem ajuste), a expansão foi de 5,3% e acumula nos dez primeiros meses de 2017 alta de 1,9%.

O Comitê de Política Monetária (COPOM), em sua última reunião, reduziu a Taxa Básica de Juros (Selic), pela décima vez consecutiva. A Selic passou de 7,5% para 7% ao ano, menor patamar, desde o início da série histórica.

A inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), acumula alta de 2,8% nos últimos doze meses terminados em novembro de 2017.

Segundo o Boletim Focus, de 08 de dezembro de 2017, a mediana das expectativas de agentes do mercado financeiro é de alta de apenas 0,91% para o Produto Interno Bruto (PIB), em 2017, com a inflação (IPCA) devendo fechar 2017 em 2,88% ao ano.



EXPECTATIVAS DO MERCADO

	UNIDADE DE MEDIDA	2017	2018	2019	2020	2021
PIB	% AO ANO	0,91	2,60	2,75	2,50	2,50
IPCA*	% AO ANO	2,88	4,02	4,25	4,00	4,00
TAXA SELIC*	% AO ANO (EM DEZ.)	7,0	8,0	8,0	8,0	8,5
TAXA DE CÂMBIO*	R\$/US\$ (EM DEZ.)	3,25	3,30	3,37	3,43	3,50

Fonte: Banco Central do Brasil – Boletim Focus (08/12/2017)

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- As Micro e Pequenas Empresas nas Exportações Brasileiras 1998-2015 – Brasil;
- Sondagem Conjuntural dos Pequenos Negócios BR – junho 2017.
- Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

NOTÍCIAS SETORIAIS



COMÉRCIO VAREJISTA

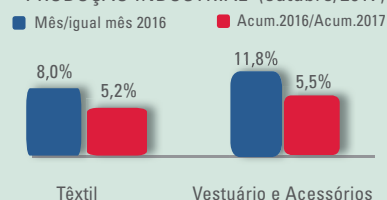
O Comércio varejista registrou queda de 0,5% no volume de vendas e de 0,1% na receita nominal, em agosto de 2017, sobre o mês anterior, após ajuste sazonal. Porém, acumulou altas de 0,7% e de 1,7%, respectivamente, no volume de vendas e na receita nominal, nos oito primeiros meses deste ano. Os maiores aumentos verificados neste período, no volume de vendas, foram observados no grupo Móveis e Eletrodomésticos (8%), puxado pela atividade de Eletrodomésticos (8,6%) e no grupo Tecidos, vestuários e calçados (7,3%). O Comércio varejista vem mostrando sinais de recuperação e deverá encerrar 2017 com aumento nas vendas, tanto no volume quanto na receita nominal.



TÊXTEL E VESTUÁRIO

Em outubro de 2017, a fabricação de produtos Têxteis registrou alta de 8% sobre igual mês do ano passado e a Confecção de artigos do Vestuário e acessórios, de 11,8% no mesmo período comparativo. No ano, esses segmentos acumulam elevações de, respectivamente, 5,2% e 5,5%. A perspectiva é que as produções desses dois segmentos continuem a crescer em 2018.

TÊXTEL E VESTUÁRIO PRODUÇÃO INDUSTRIAL (outubro/2017)



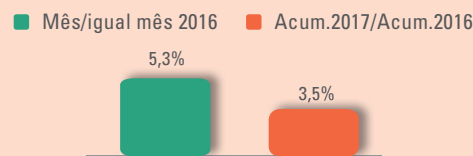
Fonte: IBGE



CALÇADOS

A produção brasileira de calçados registrou elevação de 5,3% em outubro deste ano frente ao mesmo mês de 2016 e acumula alta de 3,5% em 2017. A balança comercial do setor, por sua vez, apresentou superavit de US\$ 650,3 milhões no acumulado deste ano até novembro, 18,1% acima do saldo registrado no mesmo período de 2016. Os Estados Unidos continuaram liderando a compra de calçados brasileiros (em dólares), respondendo por 17,5% do valor total exportado, mas foi o Paraguai que adquiriu a maior quantidade de pares de calçados do Brasil (11,7% do total exportado).

CALÇADOS - PRODUÇÃO INDUSTRIAL (outubro/2017)



Fonte: IBGE



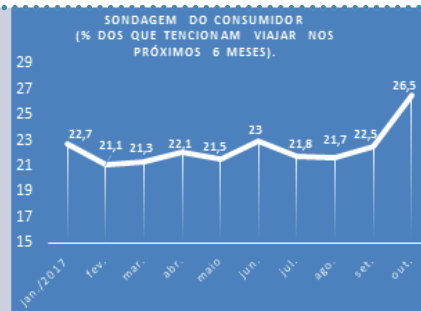
MÓVEIS

A fabricação de móveis registrou alta de 17,8% em outubro de 2017 sobre igual mês do ano passado e acumulou aumento de 3,3% até outubro e de 2,3%, nos últimos doze meses encerrados em outubro deste ano. A balança comercial do setor por sua vez registrou deficit de US\$ 174,5 milhões nos dez primeiros meses de 2017. Trata-se de mais um setor prejudicado pela crise econômica, mas que vem mostrando sinais de recuperação no mercado interno.



TURISMO

Segundo a "Sondagem do consumidor – Intenção de viagem", de outubro de 2017, divulgada pelo Ministério do Turismo, apenas 26,5% dos brasileiros entrevistados demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em outubro de 2016, esse percentual foi de 26,3%). Desses que têm intenção de viajar, 81,8% preferem os destinos turísticos nacionais, 49% desejam ir para o Nordeste, 46,6% pretendem ficar em hotéis e pousadas e 57,1% querem viajar de avião.



OS DONOS DE PEQUENOS NEGÓCIOS ESTÃO MAIS OTIMISTAS COM A ECONOMIA EM 2018

PAULO JORGE DE PAIVA FONSECA

Economista, analista da Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Sebrae/NA

Os donos de pequenos negócios estão cada vez mais otimistas com o futuro da economia brasileira. O percentual de empresários que acreditam que a economia brasileira irá melhorar nos próximos 12 meses, passou de 31%, em junho, para 35,7%, em setembro, e atingiu 42,9% em dezembro. Considerando também o percentual daqueles que acham que a economia não irá se alterar, constata-se que a grande maioria dos entrevistados (quase 72%) acredita que a economia brasileira irá melhorar ou, na pior das hipóteses, ficar como está em 2018. Apenas 25,8% dos entrevistados acreditam que a economia irá piorar no próximo ano.

O otimismo dos empresários em relação ao faturamento dos seus negócios também vem crescendo nos últimos seis meses. Na Sondagem realizada em junho, o percentual de empresários que achavam que o faturamento da empresa iria melhorar era de 33,5%, em setembro passou para 39,3% e, em dezembro/2017, subiu para 44,8%.

Os mais otimistas, em relação ao faturamento, são os donos de Empresas de Pequeno Porte (EPP). Mais da metade deles (52%) acredita que o faturamento de sua empresa melhorará ao longo do próximo ano. Destacaram-se também como mais otimistas

nesse quesito os empresários da Construção Civil, com 49% deles prevendo ganhos maiores no ano que vem. Já os empresários do setor de Serviços se mostraram mais divididos: 40% dos entrevistados esperam aumento da receita, enquanto 41% acham que ela não se alterará em 2018.

Entre os optantes e os não optantes pelo Simples Nacional, não houve diferença. Nesses dois grupos, os percentuais de empresários que acreditam que o faturamento irá melhorar em 2018 foi de 45%.

No tocante à contratação de funcionários, a Sondagem de dezembro mostrou ligeiro aumento do percentual de empresários que pretendem contratar trabalhadores nos próximos doze meses, em relação à Sondagem anterior (setembro). Atualmente, 21,8% dos empresários entrevistados disseram que pretendem contratar novos funcionários no próximo ano. Na Sondagem realizada em setembro, eram 20,9%, e, na Sondagem feita em junho, somente 12,7%.

Apenas 9,7% dos entrevistados disseram que pretendem demitir funcionários, em 2018, o menor percentual da série de três Sondagens feitas até agora.

Considerando-se somente os empresários que possuem empregados,

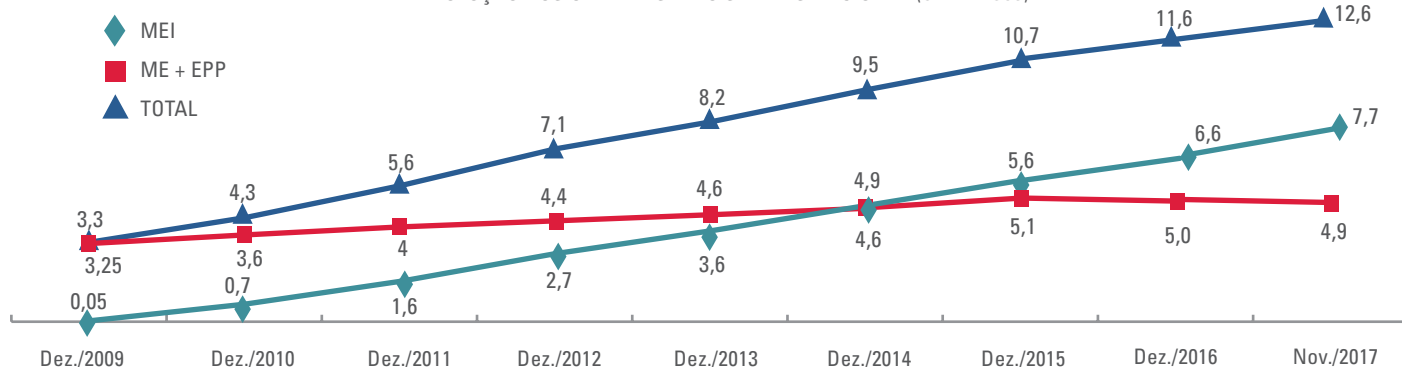
constata-se que cerca de 82% deles não pretendem demitir funcionários nos próximos 12 meses.

Empresários das regiões Sul e Nordeste são os que mais se mostraram dispostos a contratar trabalhadores em 2018 (25% dos entrevistados, em cada uma dessas regiões) o mesmo ocorrendo com os donos de Microempresas (26% dos entrevistados) e com os que atuam na Construção Civil (31%).

Os empresários “clientes do Sebrae” estão mais inclinados a contratar trabalhadores em 2018 do que os “não clientes” (25% do total de “clientes” entrevistados contra 19% do total de “não clientes”).

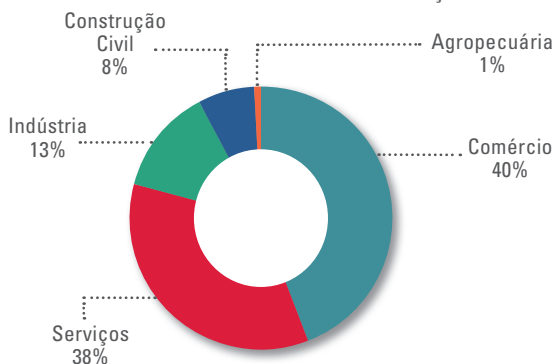
PEQUENOS NEGÓCIOS NO BRASIL

EVOLUÇÃO DOS OPTANTES PELO SIMPLES NACIONAL (em milhões)

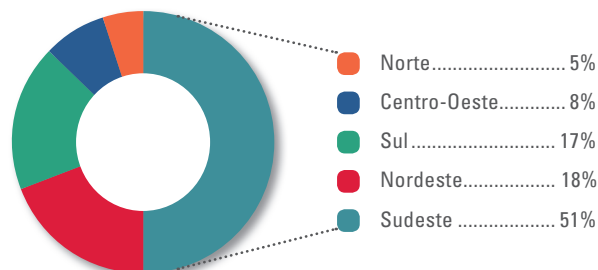


Fonte: Receita Federal do Brasil (RFB)

CONCENTRAÇÃO POR SETOR



CONCENTRAÇÃO POR REGIÃO



Fonte: Secretaria da Receita Federal – Dezembro/2017

ESTATÍSTICAS DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO(A):	ANO	PARTICIPAÇÃO (%)	FONTE
PIB brasileiro	2011	27,0	SEBRAE/FGV
Número total de empresas exportadoras	2016	38	FUNCEX
Valor total das exportações	2016	0,54	FUNCEX
Massa de salários das empresas	2015	44,1	RAIS
Total de empregos com carteira	2015	54	RAIS
Total de empresas privadas	2015	98,5	SEBRAE
OUTROS DADOS SOBRE OS PEQUENOS NEGÓCIOS	ANO	TOTAL	FONTE
Quantidade de produtores rurais	2015	4,7 MILHÕES	PNAD CONTÍNUA
Potenciais empresários com negócio	2015	11,6 MILHÕES	PNAD CONTÍNUA
Empregados com carteira assinada	2015	17,1 MILHÕES	RAIS
Remuneração média real nas MPE	2015	R\$ 1.680,05	RAIS
Massa de salário real dos empregados nas MPE	2015	R\$ 28,4 BILHÕES	RAIS
Número de MPE exportadoras	2016	8,25 MIL	FUNCEX
Valor total das exportações (US\$ mi FOB)	2016	US\$ 997,7 MILHÕES	FUNCEX
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2016	US\$ 121 MIL	FUNCEX

 Obs.: 1. **Microempreendedor Individual (MEI)**: receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

 2. **Microempresa (ME)**: receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

 3. **Empresa de Pequeno Porte (EPP)**: receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.